

A vacina popular



Por MARIANA MAZZUCATO, HENRY LISHI LI e ELS TORREELE*

Desenvolver vacinas para as pessoas, não para lucrar

Anúncios recentes sobre a eficácia comprovada em testes de vacinas para a Covid-19 fizeram com que a esperança de um retorno à normalidade se colocasse à vista. Os dados preliminares das novas vacinas de RNA mensageiro da Pfizer/BioNTech e da Moderna são extremamente encorajadores, o que sugere que sua aprovação para uso emergencial esteja a caminho. E notícias mais recentes sobre a eficácia (ainda que em uma taxa um pouco menor) da vacina da AstraZeneca e da Universidade de Oxford alimentaram o otimismo em relação ao surgimento de ainda mais avanços.

Em teoria, a chegada de uma vacina segura e efetiva representaria o começo do fim da pandemia de Covid-19. Na realidade, não estamos sequer no fim do começo da entrega do que é necessário: uma “vacina popular” que seja distribuída de maneira igualitária e gratuitamente disponível a todos que dela precisam.

Que fique claro, o esforço para criar vacinas em questão de meses merece elogios. A humanidade realizou um salto tecnológico monumental em direção ao futuro. Mas seu trampolim foram décadas de investimento público e massivo em pesquisa e desenvolvimento.

A maioria das vacinas em destaque fortalece as defesas do sistema imune contra a proteína viral “spike”, uma estratégia possibilitada por anos de pesquisa no Instituto Nacional de Saúde dos EUA. De forma mais imediata, a BioNTech recebeu 445 milhões de dólares do governo Alemão, e a Moderna recebeu 1 milhão de dólares da *Coalition for Epidemic Preparedness Innovations* e mais de [1 bilhão de dólares](#) da Autoridade Biomédica de Pesquisa Avançada e Desenvolvimento dos EUA e da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada da Defesa norteamericana. A vacina da AstraZeneca-Oxford recebeu [mais de 1 bilhão de libras esterlinas](#) em [financiamento público](#).

Mas, para que os avanços tecnológicos sejam traduzidos em [Saúde para Todos](#), inovações criadas coletivamente devem ser governadas pelo interesse do público, não para o lucro privado. Isso é especialmente verdade quando se trata do desenvolvimento, da produção e da distribuição de uma vacina no contexto de uma pandemia.

Nenhum país, agindo sozinho, pode resolver esta crise. É por isso que precisamos de vacinas que sejam disponibilizadas gratuitamente e universalmente. No entanto, o atual sistema de inovações prioriza os interesses dos países ricos sobre aqueles do resto do mundo, e os lucros sobre a saúde pública.

O primeiro passo em direção a uma vacina popular é garantir a total transparência dos resultados dos testes clínicos, o que permitiria avaliações independentes e rápidas sobre sua segurança e eficácia. A publicação de dados escassos e preliminares por meio de comunicados de imprensa é direcionada aos mercados financeiros, não à comunidade de saúde pública. Tal prática cria um mal precedente. Enquanto o preço das ações de indústrias farmacêuticas explode, os profissionais de saúde e o público são forçados a questionar os resultados reportados. Conforme mais detalhes sobre as [falhas](#) no projeto e na implementação dos testes clínicos para a vacina da AstraZeneca-Oxford emergem, o mesmo acontece com as demandas por uma ciência aberta e pelo compartilhamento imediato dos protocolos e dos resultados.

Além disso, questões críticas sobre as principais vacinas candidatas [continuam sem resposta](#). Atendendo à pressão política e econômica em países ricos, as companhias farmacêuticas estão apressando suas vacinas candidatas. Para tanto, elas [projetaram](#) seus testes clínicos de fase 3 para entregar o relatório positivo o mais rápido possível, em vez de enfrentar [questões mais relevantes](#), como se a vacina é capaz de prevenir infecções ou apenas protege o indivíduo da doença.

a terra é redonda

Também não está claro quanto tempo a proteção durará; se a vacina funciona igualmente em jovens e idosos, ou em pessoas com comorbidades; e como as principais candidatas se comparam entre si (algo crítico para o projeto de estratégias efetivas de vacinação).

Mais ainda, interesses nacionais – especialmente aqueles dos países desenvolvidos – continuam sendo o fator dominante na liberação das vacinas. Ainda que a plataforma internacional de compra e distribuição [COVAX](#) represente um importante passo adiante, seu impacto tem sido ofuscado pelos massivos acordos bilaterais de pré-compra de países ricos que conseguem financiar a aposta em múltiplas vacinas. Por exemplo, países ricos já compraram cerca de 80% das doses das vacinas da [Pfizer/BioNTech](#) e da [Moderna](#) que serão disponibilizadas no decorrer do primeiro ano.

No total, tais países já [reivindicaram](#) 3,8 bilhões de doses de diferentes fabricantes de vacinas, em comparação com 3,2 bilhões (incluindo cerca de 700 milhões de doses para a COVAX) para o resto do mundo. Em outras palavras, países de alta renda compraram antecipadamente doses suficientes para cobrir toda sua população por diversas vezes, deixando o resto do mundo com potencialmente menos do que o suficiente para cobrir até mesmo suas comunidades de maior risco.

Ao mesmo tempo, como a corrida pelas vacinas está focada primariamente em mercados Ocidentais, algumas candidatas são dificilmente viáveis fora do contexto de um país desenvolvido. A vacina da Pfizer/BioNTech deve ser mantida a -70°C, uma [temperatura menor do que a de um inverno Antártico](#). A distribuição desta vacina produzirá desafios logísticos caros e complexos, especialmente para países de baixa e média renda. Por mais que outras candidatas – como a vacina da AstraZeneca-Oxford – sejam estáveis em temperaturas mais altas, é notável que tais características gritantes da discriminação mercadológica estarão inscritas no primeiro produto a atingir a etapa de aprovação.

Para além do interesse nacional, está escondido o problema de interesses privados ainda mais estreitos, que surgem de um modelo biofarmacológico de inovação excessivamente financeirizado. O modelo de negócios para o desenvolvimento de futuras vacinas já está sendo expandido, agora que a pandemia revelou-se uma potencial oportunidade para os investidores. Mas, enquanto eles se beneficiam de [ações](#) que decolam, de [ganhos de capital altíssimos](#), e do *dumping* de ações no mesmo dia em que são anunciados resultados preliminares promissores de testes clínicos, entregar uma vacina popular tornou-se uma preocupação secundária.

A crise da COVID-19 é um teste perfeito para a possibilidade de uma estratégia de inovação mais orientada pela saúde pública prevalecer nos anos que virão. Enquanto a [Pfizer](#) insiste no modelo de maximização de valor para os acionistas, a AstraZeneca ao menos se comprometeu com não lucrar com sua vacina “durante a pandemia”. Contudo, apesar de todo o investimento público por trás destas inovações, o processo [continuará sendo opaco](#), deixando-nos a duvidar se a AstraZeneca realmente está pronta para priorizar a saúde pública sobre os lucros e oferecer sua vacina a preço de custo.

Enquanto as notícias recentes sobre a vacina trouxeram esperança, elas também expuseram o [modelo de negócios](#) quebrado da indústria farmacêutica, pondo em cheque a perspectiva da entrega de uma vacina popular e a conquista de Saúde para Todos. O *business as usual* poderá até permitir que sobrevivamos a esta crise. Mas há uma maneira melhor de se fazer as coisas. Antes que a próxima pandemia chegue, devemos reconhecer que as vacinas são bens comuns globais de saúde, e começar a reorientar o sistema de inovação em direção a parcerias público-privadas simbióticas, dirigidas pelo interesse público.

O presidente eleito dos Estados Unidos, Joe Biden, pode ter prometido um “retorno à normalidade”, mas a verdade é que não há mais volta. O mundo está passando por transformações fundamentais, e as ações tomadas nos próximos anos serão críticas para o estabelecimento das bases de um futuro sustentável, seguro e próspero.

***Mariana Mazzucato** é professora de economia na Universidade de Sussex (EUA). Autora, entre outros livros, de *O Estado empreendedor*(Companhia das Letras).

***Henry Lishi Li** é pesquisador na University College London (UCL).

***Els Torreele** é pesquisadora visitante na University College London (UCL).